

Unção dos enfermos

Duas grandes realidades acompanham a vida humana: o amor e o sofrimento. Ambos são capazes de transformar a existência. O verdadeiro amor desculpa tudo, crê em tudo, espera tudo, suporta tudo (cf. 1Cor 13,7); o sofrimento, quando aceito por amor, tudo transforma, tudo sublima, a tudo dá sentido, oferece tudo.

“As dores e enfermidades sempre foram consideradas como os maiores problemas que afligem a consciência humana. Porém os que professam a fé cristã, mesmo padecendo e experimentando tais sofrimentos, são ajudados pela luz da mesma fé a compreender de modo mais profundo o mistério da dor e a suportá-la com maior coragem. Não só conhecem pela palavra do Cristo o valor e o sentido da doença, tanto para a sua salvação como para a do mundo, como também não ignoram o amor do Cristo pelos doentes, que tantas vezes os visitou e curou ao longo de sua vida.”¹

A contingência humana põe em evidência, ainda, o processo biológico irreversível: caminha-se para a morte. O ser humano não tem, aqui, morada definitiva. É um ser transitório que vive num tempo determinado. A consciência da temporalidade, ao mesmo tempo que limita os anseios, incentiva a vivê-los o mais plenamente possível, com toda a intensidade do ser, alimentando a alegria de viver. Quando se encontra sentido e realização na vida, no sofrimento inclusive, experimenta-se paz interior e conforto espiritual.

O ser humano depende radicalmente de Deus, sua origem e razão de ser (cf. Gn 2,7). A enfermidade põe em evidência a fragilidade e a precariedade da vida humana, levando o ser humano a compreender-se existencialmente como ser finito, limitado. A doença evoca a morte, o ponto final de um processo inevitável de dissolução biológica.

A fragilidade do corpo convida o doente a descobrir o sentido global da existência, que transcende o tempo presente, em busca da realização plena e definitiva na outra vida. O sofrimento faz parte dessa transitoriedade, mas constitui, ao mesmo tempo, motivo de glorificação: “Eu penso que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que há de ser revelada em nós” (Rm 8,18).

¹ *Ritual da unção dos enfermos*, Introdução, n. 1

Fundamentação bíblico-teológica

“A compaixão de Jesus para com os doentes e as suas numerosas curas de enfermos são um claro sinal de que com ele chegou o Reino de Deus e, portanto, a vitória sobre o pecado, sobre o sofrimento e sobre a morte.”² As curas de Jesus antecipam a vitória definitiva do bem sobre o mal, porque “ele enxugará toda lágrima de seus olhos, e já não haverá morte, nem pranto, nem gritos, nem fadigas” (cf. Ap 21,4).

As curas são sinais da libertação total do sofrimento, do mal e do pecado; confirmam que ele é o Messias (cf. Mt 12,24; Lc 11,15), aquele que tira o pecado do mundo, porque é o Cordeiro de Deus (cf. Jo 1,36). Por ele, a salvação anunciada concretiza-se nas pessoas e no mundo.

As curas são sinais prefigurativos do estado de plena felicidade ao qual os discípulos e os seguidores de Jesus são chamados, quando Cristo for tudo em todos (cf. 1Cor 15,28). A comunidade primitiva continuará essa missão (cf. At 3,1-26; 1Cor 12,7-9.28-30).

Jesus realiza ações simbólicas em suas curas, manifestando, desse modo, a intenção de deixar à Igreja sinais sacramentais de sua obra salvífica: escuta o pedido dos doentes, acolhe-os com gestos e imposição das mãos (cf. Mc 6,5); toca-os com a saliva (cf. Mc 7,32ss); unge-os com óleo (cf. Mc 6,13).

Jesus revela o sentido da enfermidade e da dor, particularmente ao assumir sua paixão e morte, demonstrando o quanto Deus ama o mundo (cf. Jo 3,16). Ele mesmo tornou-se próximo do sofrimento humano, sobretudo pelo fato de ter assumido sobre si esse sofrimento. Cristo sofre voluntária e inocentemente, e com sua dor responde às interrogações que não encontram resposta senão no seu sofrimento redentor.

O Evangelho do sofrimento, antes de ser escrito, foi assumido e vivenciado por Jesus, a fim de que o ser humano alcançasse a vida eterna (cf. Jo 3,16). Ao lado de Jesus, Maria, sua Mãe, deu testemunho exemplar da vivência desse Evangelho. A espada de dor traspassou o coração de Maria e revelou os segredos de muitos corações, particularmente daqueles tomados pela angústia (cf. Lc 2,35).

Jesus rejeita a concepção segundo a qual o sofrimento estava relacionado à situação de pecado pessoal (cf. Jo 9,1-4), como também a conexão imediata entre doença e forças demoníacas (cf. Mt

² Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, n. 314.

8,28ss). O doente não é mais ou menos pecador do que os outros seres humanos pelo simples fato de ter sido atingido pela enfermidade.

A carta de Tiago 5,13-16

“Alguém dentre vós está sofrendo? Recorra à oração [...] Alguém dentre vós está doente? Mandar chamar os presbíteros da igreja, para que orem sobre ele, ungi-o com óleo no nome do Senhor. A oração feita com fé salvará o doente, e o Senhor o levantará. E se tiver cometido pecados, receberá o perdão. Confessai, pois, uns aos outros, os vossos pecados, e orai uns pelos outros para serdes curados. A oração fervorosa do justo tem grande poder.”

O texto deixa entender uma doença grave que afeta inteiramente o ser humano, corporal e espiritualmente. Ao citar a presença de presbíteros, o texto refere-se aos responsáveis das comunidades, sejam eles ministros ordenados ou anciãos que estão à frente das comunidades locais; cabe-lhes orar sobre o enfermo e ungi-lo com o óleo como expressão da vontade e do mandato de Cristo. A oração da fé não significa eficácia mágica, exatamente porque é feita em nome do Senhor, na sua força. A passagem não deixa claro se o efeito da unção é corporal ou espiritual: provavelmente, tem por objetivo ambos os sentidos.

Sacramento da Unção dos enfermos

O sacramento da unção dos enfermos celebra a vida, não a morte. É sinal de libertação, não de escravidão. Não visa sacralizar uma atitude conformista perante a dor e a morte, mas tem por objetivo reanimar o coração do enfermo, identificando-o a Cristo vencedor do sofrimento e da morte. Somente com a força do Espírito é possível evitar que a enfermidade se torne desgraça, e se transforme em libertação. O sangue redentor de Jesus cura as chagas, perdoa os pecados e unge para a vida eterna.

Pela palavra e pelo sinal da Igreja, a experiência de graça torna-se sacramento da graça. Pelo ministério da Igreja e pelo sinal sacramental da unção, a graça redentora de Cristo, por obra do seu Espírito, age no cristão enfermo, assumindo o combate a favor da vida e da salvação.

A graça divina encarna-se, de modo particular, na situação de enfermidade, continuando, dessa forma, o mistério de Cristo sofredor, que redime todo sofrimento, que dá sentido à dor humana: o sacramento da unção confere essa graça, e expressa a consagração da enfermidade na perspectiva de luta contra o mal, em vista da vitória definitiva, atuando, positivamente, tanto na dimensão corporal como espiritual do doente.

Quem pode receber o sacramento

“Pode recebê-lo o fiel que começa a se encontrar em perigo de morte por doença ou velhice. O mesmo fiel pode recebê-lo também outras vezes, quando se verifica um agravamento da doença ou quando lhe acontece uma outra doença grave. A celebração desse sacramento deve ser, se possível, precedida pela confissão individual do doente.”³

Celebração do Sacramento

A unção dos enfermos não exprime, apenas, a solicitude da comunidade eclesial com relação aos doentes; constitui, antes de tudo, um sinal da presença restauradora do Espírito Santo. Já em Israel, a unção era um rito sagrado. Ungiam-se os sacerdotes, os profetas (cf. 1Rs 19,16), os reis (cf. 1Sm 16,13), a Tenda (cf. Ex 30,25ss.), a arca, a mobília da Tenda. A unção fazia da pessoa ungida um enviado, cuja missão se cumpriria sob o impulso do Espírito.

O Novo Testamento apresenta Jesus Cristo como o ungido pelo Pai (cf. At 10,38). O próprio Jesus aplica a si a profecia de Isaías: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu” (Is 61,1). O autor da Carta aos Hebreus afirma que Deus ungiu seu Filho com o perfume da alegria (cf. Hb 1,9). Paulo assegura que Deus nos ungiu em Cristo (cf. 2Cor 1,21). Jesus, por sua vez, ungiu os doentes (cf. Mc 6,13).

Depois dos ritos iniciais e proclamação da Palavra, o rito sacramental seguirá a sequência do texto do apóstolo Tiago: preces da comunidade em favor do doente, imposição de mãos, bênção do óleo, unção e conclusão. “A celebração desse sacramento consiste essencialmente na unção com o óleo, bento possivelmente pelo bispo, sobre a fronte e sobre as mãos do doente, acompanhada pela oração do sacerdote, que implora a graça especial desse sacramento.”⁴

Oração

“Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos.”

Quer o pecado, quer as fraquezas dele decorrentes têm relação com a unção dos enfermos no sentido de que ambos estão ligados, de alguma forma, à doença. A unção confere ao doente, simultaneamente, a força de Cristo necessária para a superação dos condicionamentos negativos provocados pela enfermidade, como também a libertação do primeiro e radical mal, que é o pecado.

³ Idem, n. 316.

⁴ Idem, n. 318.

Sem essa libertação nada de positivo pode ser construído. Na situação de pecado, a doença só pode ser entendida como fonte de destruição; tão somente a graça divina permite transformar o sofrimento em redenção. Por esse motivo, a própria unção perdoa os pecados, não necessitando, em si, da confissão. A prática pastoral da Igreja, no entanto, insiste na confissão anterior, quando outros motivos de ordem pessoal ou eclesial o sugerem. O novo *Ritual* retoma essa disciplina, quando solicita, explicitamente, que o enfermo se confesse antes de receber a unção.

Efeitos

O *Catecismo da Igreja Católica* enumera quatro efeitos da celebração da unção: constitui um dom particular do Espírito Santo em vista do reconforto espiritual, dando paz e coragem para vencer as dificuldades da enfermidade e o perdão dos pecados; permite a união do enfermo com a paixão de Cristo, que torna o sofrimento um ato redentor; dá graça eclesial, mediante a qual os doentes contribuem para o bem do Povo de Deus; prepara para a última passagem aqueles que estão às portas da morte (cf. nn. 1520-1523).

Pela constância e fidelidade de seu amor, o doente associa-se ao Cristo sofredor que, assumindo em si mesmo as dores, se oferece ao Pai como vítima pura, santa e imaculada para a salvação do mundo.

Mediante a força transformadora do Espírito, o sacramento da unção dos enfermos pode, até mesmo, restaurar a saúde corporal; embora a cura corporal possa não acontecer, em atenção aos desígnios insondáveis de Deus, a unção jamais deixará de trazer alívio à dor, conforto ao espírito e o consolo da fé. Por obra do Espírito, a sagrada unção minora o sofrimento, porque lhe dá sentido, unindo-o ao sacrifício redentor de Cristo.

A unção manifesta ao doente, portanto, não só o apreço da Igreja por sua situação, como também confere-lhe a graça do Espírito, que o fortalece e cura. O sacramento anuncia ao doente a presença divina. Também o sofrimento, com tudo o que tem de abandono, pode tornar-se motivo de encontro com Deus.

A unção dá sentido e realiza a aceitação evangélica da dor. Pela celebração desse sacramento, unida à oração da fé, o doente recupera a autoestima perdida e começa a acreditar na bondade e na misericórdia de Deus, esperando contra toda esperança (cf. Rm 4,18). A resposta de Deus, por meio do seu Espírito vivificante, atinge o enfermo em sua totalidade corpóreo-espiritual.

Espiritualidade

Em Cristo, o sofrimento foi redimido e, por conseguinte, torna-se redentor. Para além da dor e da morte esperam-nos a vida plena e a felicidade completa. O sofrimento não exerce domínio definitivo sobre a humanidade: a última palavra sobre a realidade humana é proferida pelo Senhor da vida. O valor e o sentido do sofrimento humano dependem, pois, em grande parte, do doente e do modo com que ele procura integrá-lo no contexto de sua vida.

O doente é convidado a unir-se a Cristo sofredor e, por ele, com ele e nele, oferecer ao Pai seu sofrimento. Aquele que permite a provação, concede, também, as forças necessárias para superá-la. É importante que o doente aproveite essa situação humanamente desfavorável para unir-se a Cristo redentor. O sofrimento pode tornar-se um caminho de conversão, de aprofundamento espiritual e de maturidade da fé. Frequentemente, não se pode fugir dele. É necessário aceitar a dor para ultrapassá-la. Constitui um convite para nela experimentar a ação redentora do sofrimento de Cristo. Nele, o Espírito liberta-nos.

Cristo assumiu a dor, não para dela nos preservar, mas a fim de que, por meio dela, pudéssemos encontrar o caminho da salvação. Ao morrer na cruz, Jesus não nos livrou das cruzes de cada dia, mas concedeu a graça de transformá-las em instrumento de salvação e de libertação.

O respeito para com o doente leva-nos a compreender suas preocupações. Não basta sugerir a confiança em Deus, ainda que essa virtude deva fazer parte de uma visão cristã do sofrimento. É preciso atenção e solidariedade por parte de familiares e amigos, a fim de que a providência divina seja percebida por meio do nosso afeto e de nossa fraternidade. A fé não elimina os problemas; dá-lhes sentido e valor. Certamente, a doença pode aproximar o enfermo de Deus; cabe a ele, no entanto, descobrir o conforto dessa entrega amorosa.

Núcleo de Catequese Paulinas

(Texto escrito a partir da obra: GOEDERT, Valter Mauricio. *Unção dos enfermos. O sacramento dos doentes*. São Paulo, Paulinas, 2005.)

Livros indicados: GOEDERT, Valter Mauricio. *Unção dos enfermos. O sacramento dos doentes*. São Paulo, Paulinas, 2005.

PESSINI, Leo – BERTACHINI, Luciana. *Cuidar do ser humano. Ciência, ternura e ética*. São Paulo, Paulinas – Centro Universitário São Camilo, 2009.